

TRIPOFOBIA E *UNHEIMLICHE* NOS TEMPOS DO EXIBICIONISMO VIRTUAL¹

Tiago Alves de Moraes Sarmiento*
Alinne Nogueira Silva Coppus**

RESUMO

A partir da teoria psicanalítica criada por Sigmund Freud e retomada por Jacques Lacan, o artigo aborda a questão da manifestação do estranho em dias de narcisismo virtual. O fenômeno da tripofobia serve de pano de fundo para uma questão atual: a recusa da falta. Imagem, corpo, furo e tripofobia balizam uma discussão feita a partir da articulação entre um fenômeno social e o posicionamento do sujeito nos tempos de hoje. A tripofobia seria mais uma categorização política do sofrimento humano em que percebemos uma articulação possível com o fenômeno do *Unheimliche*, uma íntima relação entre o olhar, o que se vela e o que se revela, e a castração.

Palavras-chave: Psicanálise. Tripofobia. *Unheimliche*. Rede Social.

1 INTRODUÇÃO

“O falasser adora seu corpo porque ele crê que ele o tem.
Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência [...]”
(Jacques Lacan).

A internet é um espaço de compartilhamento e arquivo do conhecimento e da experiência da sociedade que, graças aos avanços da tecnologia e da interatividade proporcionada pelas redes sociais, rapidamente se transformou em um palco onde “egos sicofantas” (FREUD, 1990b, p. 73) transformam a vida cotidiana em contantes performances. A máscara possibilitada por um avatar de uma rede social e atualizações cada vez mais descartáveis, unidas ao apelo da imagem, do desejo e

¹ Artigo recebido em 13 de fevereiro de 2015, aprovado parcialmente em 26 de março e aprovado após modificações em 20 de maio de 2015.

* Graduado em Comunicação Social CESJF, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. @: tsarmientoimprensa@gmail.com

** Graduada em Psicologia pela UFJF, Docente da mesma instituição e Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. @: alinnerj@terra.com.br

do consumo, permitem ao sujeito viver uma vida paralela e construir narrativas diferentes àquelas da vida *offline*.

Porém, se analisarmos com um pouco mais de esforço o que se compartilha nas redes sociais, podemos verificar um verdadeiro caos narcisista, em que corpo perfeito, filosofia fora de contexto e alegria constante parecem ser tão aclamados quanto a mortificação e a decrepitude. Imagens de atos terroristas, pornografia ou, até mesmo, uma atualização com uma carinha triste ganham atenção, elogios e um falso repúdio através do botão “compartilhar”. Imagens fortes, às vezes, vêm associadas a um texto “olha que absurdo!”, numa exposição compulsiva que leva o sujeito a um lugar de gozo cujo objeto é o olhar. A psicanálise não está fora dessa cena atual.

O caso de uma pessoa famosa e o seu problema de implante de hidrogel na coxa tangencia a teoria psicanalítica de forma quase óbvia. Porém, um outro pequeno segmento da internet, um *meme* - imagem ou texto, de tom irônico que se compartilha para fazer analogias com determinada situação -, está cada vez mais presente em fóruns de discussão ou comentários de imagens. Este artigo aborda algumas questões levantadas nas redes sociais à luz da psicanálise, destacando a negação à castração e o *Unheimliche*² defesa do sujeito frente à angústia que a falta nos coloca.

Imagem, corpo, furo e tripofobia servem de referência e suporte para uma discussão atual feita a partir da articulação entre um fenômeno social e o posicionamento do sujeito nos tempos de hoje.

2 O UNHEIMLICH E SEUS PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

Freud faz uma extensa observação, no início de seu texto *O Estranho* (1990c), sobre as traduções possíveis do termo *Unheimliche* e atribui *uncanny* ao correspondente em inglês (que possui o sufixo /un-/ de negação e o radical /can/ de poder, chegando a um sentido que se assemelha ao que é *não-possível*). Dessa tradução – uma vez que o autor complementa que não haveria correspondentes em

² A grafia *Unhmeiliche* se refere ao substantivo em alemão, enquanto que *unheimlich* é a forma adjetiva da expressão. Para delimitação mais contundente do fenômeno, utilizaremos a grafia *unheimlich* em todos os casos, como utilizamos em produções anteriores.

língua portuguesa ao termo -, a edição das **Obras Psicológicas Completas** lançada pela editora Imago (neste trabalho utilizada a edição de 1990) adotou o termo estranho. Uma versão mais moderna, da Cia. Das Letras (FREUD, 1990d), utiliza o termo inquietante. Ambos, assim como a grafia *unheimlich*, são adjetivos.

Após uma pesquisa léxica sobre o termo *Heim* (do alemão “lar”, ligado à casa, íntimo, secreto), Freud constata que o seu oposto, *unheim-*, também corresponderia ao que é íntimo e secreto, e passa a utilizar a ambivalência do termo para nomear o fenômeno descrito. “Por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista” (FREUD, 1990d, p. 282). Com esse jogo de opostos, o que é intimamente familiar, porém relegado ao inconsciente, é *heimlich* para certa parte do aparelho. Tanto *heimlich*-familiar por fazer parte da vida psíquica quanto *heimlich*-oculto por estar afastado da consciência. A conclusão é que o prefixo /un-/ atue como a marca do recalque. “Algo tem que ser acrescentado ao que é novo e não familiar para torná-lo *unheimlich*” (FREUD, 1990c, p. 277).

Outro conceito psicanalítico importante para corroborar com essa ideia do termo é o que Freud (1990e) descreveu como denegação (*Verneinung*), em que identificou que não há marca da negação no inconsciente. Se alguém diz, por exemplo, “nunca me passou pela cabeça matar meu irmão”, segundo as observações do psicanalista, essa negação funciona mais como uma tentativa do indivíduo de manter esse pensamento afastado da consciência que efetivamente representar uma negação legítima. Abre-se caminho à consciência de um material ideativo recalcado via negação (FREUD, 1990e, p. 295-6). Além disso, uma outra pista fornecida por Freud nos colocaria em contato imediato com a pulsão de morte. Freud atribui o Sim à pulsão de vida, Eros, e o Não à pulsão de morte, à agressividade pulsional. O *unheimlich*, então, seria um conceito precursor ao de pulsão de morte, que Freud já tinha em mente quando escrevera o texto³.

O que seria, então, algo *unheimlich*? Uma frase do filósofo Schelling guarda a chave para seu entendimento: “Unheimlich’ é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz” (SCHELLING apud FREUD, 1990c, p. 281). Ou seja: é tudo o que deveria ter permanecido recalcado, por conter

³ Inicialmente, o texto seria um anexo de *Além do princípio do prazer* (1990a), em que Freud identifica a pulsão de morte. Por algum motivo, optou por publicá-lo antes. Contudo, à época de sua publicação, 1919, o texto seguinte já estava terminado.

traumas ou desejos insuportáveis ao consciente, mas que, mediante uma ocorrência de algo que remeta àquele material, teve acesso à consciência. O fenômeno seria uma abrupta irrupção desse material que se aproveitara de um momento de entorpecimento do agente censor. Aproveitando esse descuido, emerge, trazendo consigo uma carga afetiva angustiante e, ao mesmo tempo, um gasto de energia do aparelho psíquico para impedir que mais material inconsciente retorne. Algo como que se duas pessoas passassem por um portão vigiado por guardas que, por tentar correr atrás delas, permitiram que outras mais adentrassem à fortaleza. Então, estes guardas voltariam-se para essa multidão a fim de impedir a entrada de mais pessoas.

O *unheimlich* seria, então, uma ocorrência singular na qual um material recalçado retorna à consciência, trazendo consigo angústia relacionada a afetos e desejos. Esses desejos, segundo Freud, estariam relacionados a duas questões: a de elementos infantis recalçados ou crenças suprimidas.

A nossa conclusão podia, então, afirmar-se assim: uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos [recalçados] revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se. (FREUD, 1990c, p. 310).

Esse ponto está associado com o que o autor postulava sobre a suspensão da linha entre imaginação e realidade.

Refiro-me a que um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando um algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade (FREUD, 1990c p. 304).

Para o fenômeno ocorrer, então, é preciso que a realidade psíquica sobreponha a realidade externa, o que aproxima o efeito do *unheimlich* da fantasia. A linha da realidade ficaria abalada, e efeitos como a onipotência de pensamento, magia ou reanimação de cadáveres se tornariam possíveis. O mundo fantástico ficaria possível, nem que apenas naquele curto espaço de tempo, e a angústia é o preço a se pagar por esses mundos fantásticos.

É por motivos como esses que defendemos sempre a grafia do termo como *unheimlich* e não como estranho. Utilizar o termo em alemão permite delimitarmos

bem o que ele mesmo significa, enquanto utilizar um adjetivo como estranho pode se tornar um tanto leviano, não abrangendo toda a riqueza do conceito postulado por Freud. E, uma vez que estamos falando em língua portuguesa e descrevendo um conceito psicanáutico, soa plausível excluirmos a forma substantiva *Unheimliche* e utilizarmos apenas *unheimlich*.

3 Tripofobia e *unheimlich*

Um estudo de 2013, publicado no jornal *Psychological Science* pelos autores Geoff Cole e Arnold Wilkins, a partir de observações e grupos de apoio na internet, aborda a questão da tripofobia, isto é, o medo de buracos (*trypo* vem do grego e significa buraco ou cavidade), em que o sujeito experimentaria reações de repulsa e horror a superfícies ou imagens cheias de buraco. O tema ganhou popularidade na internet e várias imagens manipuladas apareceram na rede, sendo a maioria com aplicação de cracas digitalmente inseridas na pele de pessoas, o que causaria um efeito inquietante. Outros relatos de usuários falam sobre o desconforto ao ver colmeias, bolhas ou até mesmo um queijo suíço. Segundo os autores, uma flor de lótus seria uma das imagens que mais afetariam o tripofóbico.

Ainda segundo Cole e Wilkins, o efeito de aversão se amplifica quando há uma relação entre o sujeito e a imagem, especialmente se essa afecção visual estiver relacionada ao corpo.

A tripofobia, aparentemente, é amplificada se os buracos estiverem na pele humana. É somente com respeito a isso que a fobia envolve qualquer referência à semântica da imagem. A natureza visual da tripofobia provém uma dica para sua causa. (COLE; WIKINS, 2013, p. 4).

Após demonstrações a partir de espectros visuais de frequências médias – que não nos interessam para este trabalho –, os autores concluem que as imagens estudadas são um desconforto não apenas para quem se julga tripofóbico, mas também para pessoas aleatórias. Concluem que animais peçonhentos possuem o mesmo espectro visual que causaria o desconforto da tripofobia. Atribuem isso à evolução humana e aos princípios darwinianos, de que o Homem identificaria o que lhe é perigoso e sentiria aversão a isso (COLE; WIKINS, 2013, p. 11), como uma “defesa orgânica”, um registro psíquico já marcado no indivíduo. Faz-se uma

observação: os autores afirmam que todas as imagens mostradas na pesquisa não são digitalmente manipuladas, e nenhuma delas seria com relação ao corpo.

No entanto, o trabalho serve apenas como uma parte de todo alarde gerado em torno do fenômeno. Vale destacar o horror e o fascínio em relação às imagens digitalmente manipuladas, que possuem maior apelo e geram uma afecção aos usuários dos fóruns e comunidades destinadas à tripofobia.

Destacamos em relação a esse fenômeno a óbvia relação que as imagens de buracos aparentemente inorgânicos, que não deveriam estar lá, possuem com a negação da castração, com o horror ao vazio e à falta. Há uma sensação de desconforto inquietante gerado por essas imagens. Sendo assim, poderíamos dizer que a tripofobia seria mais uma categorização política do sofrimento humano em que percebemos uma articulação possível com o fenômeno do *unheimlich* (FREUD, 1990c), uma íntima relação entre o olhar, o que se vela e o que se revela, e a castração. Façamos um retorno a Freud.

Como descrito por Freud em 1919 (1990c), o *unheimlich* - o estranho, o sinistro - é a sensação diante de algo que deveria ter permanecido recalçado, mas que emergiu, surgiu na cena. O resultante dessa ocorrência seria a angústia.

A angústia do *unheimlich* irrompe violentamente sobre o sujeito, pois se aproveita de uma falha nas defesas do eu para mostrar aquele material esquecido. O sujeito se depara com o real, ou seja, com o que escapa às palavras, mas se sente. O *unheimlich* seria, por assim dizer, algo que deveria ter ficado em segundo plano, esse estranho que o sujeito faz questão de manter tão íntimo – tão *Heim*⁴ -, que é preciso manter afastado até mesmo da consciência. O sujeito entra em contato com um lado dele que é familiar em seu inconsciente, mas que se tornou recalçado por se tratar de algo angustiante, algo que ele não consegue lidar. A sensação é inquietante, vertiginosa, abjeta (KRISTEVA, 1982).

O *unheimlich* é, também, a forma mais violenta e ameaçadora ao equilíbrio psíquico de emergência do material inconsciente. Assim como os sonhos, os chistes, os atos falhos ou a negativa, o *unheimlich* também é uma manifestação desse material recalçado. Porém, diferentemente das outras formas, que seriam auxiliadas por deslocamentos e condensações, pela censura ou pelo humor, o

⁴ Do alemão “lar”.

unheimlich vem sem nenhuma forma de proteção consciente, deixando o sujeito em uma posição de choque.

O estranho coloca em destaque a relação do olhar com a castração, como o medo de Natanael, protagonista do conto O Homem de Areia, que Freud (1990c) usa como exemplo para algumas categorias do *unheimlich*. Vejamos como.

Natanael desenvolvera o medo de perder os olhos, e todas as ocorrências do *unheimlich* no livro de Hofmann que envolvem o personagem estão relacionadas a esse medo. Freud logo dialoga o texto com Édipo e sua proximidade da castração com a perda dos olhos.

O medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores da criança. [...] O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-nos que a ansiedade [angústia] em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. O autocegamento do criminoso mítico, Édipo, era simplesmente uma forma atenuada do castigo da castração (FREUD, 1990c, p. 289).

Como se poderia supor em um primeiro momento, a reação de aversão à imagem tripofóbica deveria ser o desvio do olhar, a fuga. No entanto, através do *unheimlich*, o que vemos é o fascínio do sujeito por olhar. Olhar não apenas o belo, mas, principalmente, olhar o que lhe é abjeto, como decorrência da pulsão de morte. O repúdio parece encontrar no olhar um sádico agente.

Assim, não é de se surpreender que o eu, esta instância que manipula a realidade externa a ponto de entregar um mundo coexistível com as demandas pulsionais, busque em seu reflexo no espelho algo que cada vez mais consiga dar a falsa sensação de tamponar essa falta evidenciada pelo *unheimlich*. Por isso, construímos nossas imagens especulares a partir da alteridade que podemos conjecturar. Podemos ter nossos traumas e medos, mas, na telas e lentes da tecnologia, precisamos ocupar sempre o lugar olímpico (MORIN, 2011), o lugar da admiração. Tentamos reconstruir nossas próprias mazelas, diminuindo as nossas falhas e, sob a efígie das falsas modéstias, tentar nos estabelecer como símbolos, como Outros. Chegamos a um ponto tão grande de medo de se revelar para si próprio (disfarçado pelo discurso da lei do mais forte, mais belo, mais perfeito), que revelamos até mesmo nossos medos que julgamos expandir essa narrativa.

O fenômeno da tripofobia permite também uma articulação com o conceito de narcisismo. O narcisismo não faz referência exclusivamente ao belo, mas sobretudo

ao eu como imagem. No site **Trypophobia.com** (TRYPOPHOBIA, 2015), além de fóruns de discussão, imagens e relatos, há uma seção intitulada “Diário de um tripofóbico”, onde os editores do site discutem formas de se “vencer” a tripofobia, como se isso fosse uma doença, como o alcoolismo ou a drogadição.

Ora, não é difícil ver que a midiatização das chagas e das mazelas é uma forma distorcida daquele narcisismo que conhecemos popularmente como egocentrismo. Sabemos, através de Freud (1990f), que o narcisismo é um investimento de libido no eu, que compõe nossa imagem. Paradoxalmente, a pulsão de morte nos inclina para um gosto irreconhecível e aparentemente abjeto pelo mórbido. Ao notarmos uma pessoa sem braço, por exemplo, não é tarefa fácil desviarmos o nosso olhar do membro que falta. De certa forma, poderíamos dizer que o *unheimlich* é algo ativo. É o material recalcado conduzindo o olhar para poder emergir. Nosso inconsciente buscaria a cada momento esse lugar de estranheza para se fazer visível, para evidenciar a falta.

A realização narcísica através da exposição das mazelas pode ser beneficiente para a necessidade de autoexposição do sujeito, pois, talvez, seja a única forma de ter um lugar e obter retorno de uma plateia. E a internet está repleta de exibicionismos. É claro que aqueles que buscam o Olimpo, como postulou Edgar Morin (2011), querem o fazer através da perfeição física e mental – ao menos na sua exposição -, não importa o preço. Uma exposição como essa, da tripofobia, é uma forma de se “brincar” com a falta, assumindo-se tripofóbico, mas, ao mesmo tempo, se expondo. Porém a inquietação experimentada ao ver essas imagens se esconde através desse exibicionismo, e não permite ao sujeito identificar que, sob a linha de seu consciente, habita um mundo que quer ser saciado.

Um desses exemplos pode ser visto atualmente nos portais virtuais sobre uma modelo que tivera problemas sérios de saúde em decorrência de aplicações estéticas para modular seu corpo. A hiperexposição na busca por se tornar um Olimpiano cobra o seu preço: aquele que busca ser mais que um ordinário indivíduo precisa se disciplinar e manter em voga o seu *lifestyle*. Mas a pulsão é apenas parcialmente saciada e demanda mais que apenas “15 minutos de fama” do sujeito. A partir disso, temos um verdadeiro circo midiático armado, cheio de “fulano fez isso” e “cicranos abrem seu coração para a revista X”. É o sujeito clamando por afeto, talvez buscando experimentar na vida pública uma situação análoga à sua vivência

edípica, novamente, reconstruindo sua realidade a partir de construções auxiliares (FREUD, 1990b), mas, ainda assim, preso a uma compulsão à repetição daquelas formas de afeto que não fazem parte de sua vida consciente.

A modelo acumula cirurgias e intervenções corporais que a transformam numa versão moderna dos “deuses de prótese” (FREUD, 1990d, p. 98) e lhe renderam prêmios em concursos de estética. Como completa o psicanalista, o Homem estaria cansado de se manter neste papel semelhante a Deus (FREUD, 1990d). Talvez o preço a se pagar seja uma escravidão do exibicionismo barato e superficial das redes sociais. Isso gera uma questão: estaria o prazer dos tempos atuais exclusivamente dependente do exibicionismo? Chegamos a uma era em que não se poderia haver desejo/prazer desassociado do sentir-se admirado?

Mas o que nos chamou a atenção para fazer deste um caso ainda mais digno de notas psicanalíticas foram as fotos vazadas (proposital ou criminalmente) da modelo na cama do hospital, onde estava deitada com sua perna e seus machucados à mostra. Em uma delas, estava maquiada e fazendo semblante de *femme fatale*, ironicamente, mesmo carregando uma infecção quase fatal. Em todas as imagens, no entanto, a modelo apresenta furos enormes na coxa esquerda, com algodão e gaze enfiadas nas crateras em sua pele ou sem curativos, mostrando carne e vazio.

O efeito estranho ao qual uma pessoa está sujeita diante de sua imagem especular pode jogar o sujeito em uma posição de rejeição do eu e, por conseguinte, uma tentativa quase delirante e obsessiva de remodelar sua realidade corporal. Alterações corporais que não visam corrigir defeitos, e sim acentuar características ou atender aos padrões de uma ditadura olimpiana de beleza, podem ser encaradas como “doentias”. O sujeito pode se tornar adicto, assim como um drogadito, em intervenções cirúrgicas. Um comportamento que pode ultrapassar a linha entre a histeria e a paranoia. Há uma falta no próprio corpo, sempre a ser preenchida, porém jamais alcançada.

Por mais que se manipule o corpo, ele nos é e sempre será estranho / *unheimlich*. É isso o que nos transmite tanto Freud com Lacan. Vejamos isso com um pouco mais de cautela.

4 O CORPO COMO *EXTIMO*

Com o que foi apresentado até este momento, demonstramos, através de nosso cotidiano, como o corpo é esse estranho íntimo que habitamos sem ter controle sobre o mesmo. Com buracos, manipulados ou não, essa imagem que fornece consistência ao eu é capaz de nos enganar, de velar algo além.

O eu é uma instância fundamental. É nele que depositamos alguma referência. Fornece um limite, mas engana. Ele é sobretudo corporal, uma projeção de superfície. Com Freud e Lacan, propomos uma reflexão, destacando o quanto o narcisismo é, ao mesmo tempo, fundamental e alienante, e como essa tentativa de velar/revelar os furos pela via do horror – tripofobia - não necessariamente é um convite à reflexão do que se pode fazer com ele. Ou seja: positivá-lo.

Freud (1990f) já disse o quanto o narcisismo é constitutivo para o eu. Nem podemos falar de um eu sem a existência do narcisismo, definido como a capacidade de investimento de libido em uma imagem. Assim, o narcisismo, por si só, invoca a existência de uma imagem, a possibilidade de sustentá-la e investi-la, encobrindo ou não o que está atrás dela.

Isso fica claro a partir das formulações de Lacan (1998) sobre o estágio do espelho. *O estágio do espelho como formador da função do eu* é um dos primeiros textos onde Lacan aborda o processo de apropriação da imagem do corpo, colocando em destaque os efeitos que a mesma pode ter sobre o sujeito. A imagem é construída a partir de uma outra, a do semelhante. É o corpo despedaçado, demarcado pela pulsão, que dá sinal de sua existência, em um momento anterior à constituição de uma imagem. As formulações desse texto nos fazem indagar por que a imagem seria tão valorizada pelo sujeito; sobretudo a imagem de si mesmo. “Existe na imagem algo que transcende o movimento, o mutável da vida, no sentido em que a imagem sobrevive ao vivo” (LACAN, 1992, p.340). A imagem consiste.

O corpo faz referência a uma totalidade imaginária. Ele diz de uma unidade, ainda que falaciosa. Lacan (1998) vem apontar a existência de uma hiância entre o organismo biológico e a imagem do corpo. Há aí uma abertura, um percurso a ser construído. O corpo deriva do narcisismo, ou seja, da constituição de uma imagem própria capaz de ser investida de libido. A função do investimento especular situa-se no interior da dialética do narcisismo, tal como Freud a introduziu. O estágio do

espelho é tomado como um fenômeno de duplo valor: “[...] valor histórico, porque marca uma virada decisiva no desenvolvimento mental da criança. Em segundo lugar, ele representa uma relação libidinal essencial com a imagem do corpo [...]” (LACAN, 1999, p.9).

O estágio do espelho, vivido pela criança entre os 6 e os 18 meses de vida, não é simplesmente um momento do desenvolvimento do sujeito como o título do texto poderia dar a entender. “Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu” (LACAN, 1986, p.91). Quando essa imagem é percebida pelo sujeito, ela já se apresenta como uma *Urbild* ideal, algo que subsiste por si.

Ao localizar no estágio do espelho a constituição de uma imagem própria, via a imagem de um outro, Lacan ressaltou que essa vivência resulta de uma alienação na imagem do outro, o que pode possibilitar uma primeira identificação, mesmo que imaginária, entre o eu e o outro. Como ele mesmo nos diz, o estágio do espelho

[...] é a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete, e se concebe como outro que não ele mesmo [...] a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que ele permite situar o que é e o que não é eu (LACAN, 1998, p.96).

Destaca-se então que a materialidade do corpo é subjetivada a partir de um processo de identificação com o semelhante no qual se produz um engano primordial e estruturante: o eu. O que é estruturante é justamente o engano. O sujeito se engana ao apostar que se reduz à imagem que vê no espelho. O espelho coloca em destaque a relação com a imagem do outro, a possibilidade de se tomar a imagem do outro como própria, e mais, o fato do corpo surgir a partir de um processo de libidinização da imagem, seu investimento e sua apropriação. Vale destacar, então, que o eu, também em Lacan, é uma imagem que faz referência à idéia da apropriação de um corpo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a própria explicação de Freud para o *unheimlich*, encontramos uma categoria do fenômeno que remete ao estágio do espelho: o duplo. Em uma viagem de trem, como relata o autor em nota de rodapé (FREUD,1990c, p. 309), Freud comenta que se sentira inquieto ao notar um homem velho e de aparência que não lhe agradara. Descobre, mais tarde, que o homem era apenas um reflexo dele mesmo no vidro da porta. Não se sentira ameaçado, mas tampouco se reconheceria.

O duplo – antes uma certeza da alma imortal criada pela criança em seu narcisismo primário e, depois, um crítico agente de censura conhecido como Consciência (FREUD,1990c, p. 294), que poderia ser compreendido como parte do supereu – é a imagem especular que o sujeito às vezes encontra quando se vê refletido. O outro que o ajudaria em sua identificação se rompe, trazendo à tona a imagem do que está por baixo, na outra cena, na cena velada.

O excesso de narcisismo que hoje em dia podemos notar a partir das plataformas virtuais funciona como essa compulsão à repetição que cisma a todo tempo em negar a falta e imperar o gozo. Mas é pela reincidência constante de postagens de fotos e *selfies* que se dá o furo. O que deveria ficar velado, pela repetição, chega à cena principal. A tripofobia poderia ser uma forma imaginária de se “brincar” com esse furo. A falta é reconhecida, sua angústia é sentida; o olhar mantém-se petrificado, como quem fita a Medusa. O corpo digitalmente manipulado – ou não, como mostra o caso da modelo – evidencia o furo no eu. A angústia parece deslocar-se da imagem da falta para a falta da imagem, algo que o sujeito tenta, o tempo todo, tamponar com uma enxurrada de fotos e curtidas.

A pulsão, que nunca está satisfeita totalmente, demanda cada vez mais do sujeito. A pulsão escópica, o Ver – e seu correlato, o se Exibir – assume a cena principal do imperativo do gozo, jogando o sujeito na compulsão de sempre se manter em voga. O caso da tripofobia não é diferente. Trata-se de um fenômeno midiático que ajuda a manter o sujeito virtual debaixo dos holofotes necessários para a constituição dessa falha imagem narcisista.

O que se destaca na tripofobia é a linha tênue entre narcisismo, exposição e *unheimlich*, em que algo velado por esse olhar cisma em escapar e evidenciar furos e faltas, sobretudo no corpo. O gozo, a pulsão de morte que jamais se cansa de

exigir satisfação, utiliza-se do erotismo e do exibicionismo para tentar alcançar seus fins, uma vez que esses são mais aceitáveis ao aparato consciente.

De qualquer forma, podemos observar como os conceitos psicanalíticos são ferramentas importantes para a tentativa da compreensão do sujeito contemporâneo, seja ele em clínica seja na sua vida pessoal. A hiperexposição da internet transforma o discurso da imagem em um camuflado pedido de afeto, exatamente para tentar velar – como dissemos, apenas parcialmente – a falta e o furo, que cismam sempre em escapar, e transformar em estranhos nossos próprios corpos e imagens.

TRYPOPHOBIA AND UNHEIMLICHE IN THE TIME OF VIRTUAL EXHIBITIONISM

ABSTRACT

From the psychoanalytical theory of Sigmund Freud and its recovery made by Jacques Lacan, this paper deals with the issue of the manifestation of the uncanny in his era of virtual narcissism. The phenomenon of tryphobia acts as background for a current question: the refusal of the lack. Image, body, void and tryphobia surrounds a discussion about the articulation between a social phenomenon and the positioning of the subject nowadays. Tryphobia would be but another political category of human suffering, where we perceive a possible linkage with the *Unheimliche* (uncanny) phenomenon, an intimate relation between the gaze, what is vealed and what is revealed, and castration.

Keywords: Psychoanalysis. Tryphobia. *Unheimlich*. Uncanny. Social medias.

REFERÊNCIAS

COLE, Geoff; WILKINS, Arnold. Fear of holes. In: **Psychological Science**. Vol. 24. 2013. Disponível em: <<http://www.essex.ac.uk/psychology/overlays/2013-210.pdf>>. Acesso em 13 de maio 2015.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago, 1990a, p.12-85 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVIII).

_____. O Ego e o Id. In: _____. **O Ego e o Id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1990b, pp. 23-90 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX.)

_____. O Estranho. In: _____. **Uma neurose infantil e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1990c, pp. 275-314. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVII.)

_____. O mal-estar na civilização. In: _____. **O futuro de uma ilusão; o mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1990d, pp. 73 – 171.(Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXI)

_____. A Negativa. In: _____. **O Ego e o Id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1990e, p. 295-308.(Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX.)

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **A História do Movimento Psicanalítico; Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1990f, pp. 83 – 119 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIV).

_____. O Inquietante. In: _____. **“O Homem dos Lobos” e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.(Obras completas, v. 14.)

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection.** New Iorque: Columbia University Press, 1982.

LACAN, Jacques. O Estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96- 103.

_____. Algumas reflexões sobre o eu. In: **Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, no. 24, São Paulo, jun. 1999, p.6-12.

_____. **O Seminário. Livro 1:** Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. **O Seminário. Livro 8:** A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. **O Seminário. Livro 23:** O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** Neurose. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

TRYPOPHOBIA. Disponível em <<http://trypophobia.com/>> Acesso em 13 de maio de 2015.